

## IDENTIDADE E AUTORIA NA ESCRITA JORNALÍSTICA

Pedro NAVARRO (UEM)

Para Michel Foucault, o autor é uma função atrelada ao exercício do poder na sociedade. Em *A ordem do discurso* (1995), essa função figura entre os procedimentos internos de controle dos discursos, pois indica que eles encontram-se no verdadeiro da época e responde pela unidade e coerência do que está sendo enunciado. Essa última função é explicitada em *O que é um autor?* (1983), texto no qual Foucault vincula a função-autor ao “modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos”. Essa forma de conceber o autor - exercício de uma função que impede a livre circulação do discurso e garante o foco de sua coerência interna - pode lançar luz sobre as noções de sujeito, de discurso e de sentido.

Em vista disso, propomos uma reflexão sobre a autoria na mídia, a qual tem por finalidade verificar o modo como a função-autor de textos jornalísticos aparece como uma particularização do sujeito e analisar a relação entre essa particularização e a identidade do sujeito no exercício da autoria desse tipo de discurso. Essa análise fundamenta-se na constatação de que na mídia atualizam-se traços de elementos discursivos da prática histórica, os quais constituem a identidade de seus enunciadores, que falam a partir de um lugar ocupado pelos historiadores.

### **1 A problemática do autor na arqueologia dos saberes**

A discussão sobre a noção de autor é desenvolvida em três obras que caracterizam o momento em que Foucault volta-se para a análise do “ser-saber”: *A arqueologia do saber*, *A ordem do discurso* e *O que é um autor?* Nessas obras, tal noção é vista como:

- a) forma prévia de unidade;
- b) função que assegura a unidade de sentidos;
- c) princípio de controle dos discursos.

A articulação entre a noção de autor, tal como exposta a partir dessas três obras de Foucault, e o exercício da autoria na mídia, requer, em princípio, duas considerações:

- 1) a função-autor como uma particularização do “lugar” e da “posição” de sujeito que fala no interior e a partir da prática discursiva midiática;
- 2) esse sujeito não funda discursividades, é, antes, atravessado por elas, mas, como ocupa/desempenha uma função-autor, confere uma aparente unidade à dispersão de discursos, um efeito de novidade e originalidade ao que enuncia.

Assim, é possível considerar a “função-autor” como uma especificidade do sujeito, pensada em termos de “modalidades enunciativas” (FOUCAULT, 1972). Por esse viés, a função-autor, como uma posição de sujeito, é definida, previamente, pela prática discursiva que incide sobre a formulação dos discursos que circulam na mídia.

## **2 Autoria e identidade na escrita histórica da mídia**

Especificar a escrita que se produz na mídia com valor de escrita história é um caminho para refletirmos sobre a autoria e a identidade do sujeito que exerce a função-autor. Para tanto, com base na noção de “operação historiográfica” (DE CERTEAU, 1982), buscamos traçar uma analogia entre o discurso da história e o discurso da mídia, estreitando as fronteiras deste último com a prática do historiador do tempo presente.

Essa forma de fazer história focaliza o acontecimento moderno, cujo lugar de produção não é mais o discurso da história, mas sim a mídia. Outro aspecto diz respeito

à memória, principal objeto de investigação desse tipo de história. Como agente dessa história imediata, a memória tem o poder de mudar a compreensão que fazemos do presente

Em linhas gerais, os pontos de contato entre o discurso da história e o discurso da mídia podem ser formulados nos seguintes termos:

1) ao se aproximar do trabalho do historiador, o jornalista ocupa o “lugar” de “profissional da memória” (LE GOF, 1996);

2) em vista desse ofício, a memória que se inscreve no discurso da mídia não desempenha somente a função de reviver o passado. Ela pode também revisar e, até mesmo, negar um mito para a recitação de outro, que atenda às estratégias argumentativas do discurso;

3) a memória é acionada ora para representar um passado descontínuo, ora para recuperar a continuidade de origens perdidas, mas incessantemente revitalizadas, constituindo-se em indispensável mecanismo de organização dos sentidos e de elaboração textual.

Considerando o exposto, podemos especificar a função-autor nos discursos da mídia como resultante de uma posição-sujeito, determinado pelo discurso histórico e pelo discurso da mídia, duas práticas discursivas que definem as condições do exercício da função-autor e a identidade do sujeito que exerce essa função.

Face à dispersão constitutiva dos discursos e do sujeito, é possível verificar uma regularidade no exercício da autoria na escrita histórica midiática em enunciados cujo princípio de diferenciação se refere a acontecimentos históricos, tais como: comemorações nacionais, datas e personalidades históricas.

A título de ilustração, consideremos o texto abaixo:

## FUTEBOL

## A mais dura das derrotas

JOSÉ ROBERTO TORERO

Os ecos da comemoração dos 500 anos do Descobrimento continuam a repercutir aqui e ali. Mas descanse, leitor, não falarei de Cabral. Falarei, sim, dos duelos lusobrasileiros do fim-de-semana. Talvez você não tenha percebido, mas eles aconteceram.

Não, não estou me referindo à massacrante vitória do Vasco da Gama e nem à derrocada do tupiniquim Araçatuba, único time na história do Campeonato Paulista a terminar o torneio com saldo negativo de pontos, embora esses dois extremos deem a medida de como andou a disputa nestes cinco séculos.

Falo de duelos a que se prestou pouca ou nenhuma atenção. Começemos pelas parcas vitórias aborígenes. Numa delas, o Gua-

rani venceu a Portuguesa Santista, no Campeonato Paulista.

O jogo do Brinco de Ouro foi como que uma metáfora do Brasil recém-descoberto. Os bugres, ainda fortes, impuseram-se aos rubro-verdes. Estes, como os portugueses dos primeiros tempos, gostavam de ficar perto das praias e pouco se arriscavam a ir aos matos. Resultado? Foram deglutidos no interior, no caso, em Campinas. Mas, assim como na história, tudo não passou de um magro 1 a 0, pálido triunfo dos guerreiros da tribo.

Teria havido mais? Sim, claro. Índio, o do Corinthians, fez um bonito gol após tabelar com Marcelinho, e Jardel, que tem cara de índio e foi exportado para a antiga matriz, fez três na goleada do Porto sobre o cadente Vitória de Setúbal, isolando-se na artilharia



do Campeonato Português, com nada menos que 35 gols.

Foram passagens brilhantes dos descendentes daqueles que comemoram 500 anos de uma ação de despejo.

Já a partida entre a Portuguesa de Desportos e o Mogi Mirim refletiu bem o segundo tempo do século 16, quando os colonizadores, mais confiados, fundaram vilas fortificadas e começaram a fazer incursões de apresamento.

Aí, tanto na história como no jogo, o que se viu foi um massacre. Só Bentinho, que tem um nome ligeiramente lusitano, marcou três vezes.

Mais vezes dos nossos ancestrais? O Itaquaquecetuba, o Tanageré, o Itararé, o Caiçara, o Itumbiara e o Murici também foram derrotados em seus respectivos campeonatos. Até o Tupã — que noutros tempos já foi divindade — perdeu de 1 a 0 para o Flamengo, de Guarulhos.

Porém, o fim-de-semana não ficou restrito aos confrontos esportivos, que muitas vezes são um espelho de outras guerras. Infelizmente não ficamos só na metáfora.

Houve guerra de verdade e nessa, mais uma vez, índios, brancos e negros, enfim, o povo saiu perdendo.

A guerra de verdade aconteceu na comemoração oficial dos 500 anos. Depois de ter errado letra do hino nacional, FHC leu um hipócrita discurso em que defendia a liberdade de expressão. Enquanto isso sua polícia negava, com bombas de gás lacrimogêneo e pancadaria, o exercício de, pelo menos, dois direitos básicos: o de ir e vir e o de protestar.

Até o presidente da Funai, Carlos Marés, escandalizado com a prisão de 141 manifestantes, resolveu demitir-se.

Times e jogadores de toponímia tupi continuarão tendo os altos e baixos, é natural do futebol, mas da democracia brasileira eu esperava algo mais civilizado do que a imagem do índio Gildo Terena detido diante um batalhão de policiais. Essa foi a mais dura das derrotas.

E-mail: torero@uol.com.br

José Roberto Torero escreve às terças e sextas-feiras

O exercício da função-autor pode ser apreendido a partir da observação de um conjunto de traços lingüístico-discursivos que:

- aponta para a instância do autor. Esses traços projetam no texto as marcas da “enunciação enunciada” (FIORIN, 1996);
- remete a formulação à prática discursiva histórica que regula o espaço da discursividade.

Em relação ao primeiro conjunto de traços, sumariamente, destacamos os seguintes: verbos conjugados na primeira pessoa do singular e pronomes pessoais (“Não, não estou me referindo [...]”, “Falo de duelos [...]”, “eu esperava [...]”); expressões e adjetivos apreciativos (“um bonito gol”, “passagens brilhantes”) ou depreciativos (“massacrante vitória”, “um magro 1 a 0”, “antiga matriz”, “hipócrita discurso”); orações adjetivas (“o fim-de-semana não ficou restrito aos confrontos esportivos, que muitas vezes são um espelho de outras guerras”, “Jardel, que tem cara de índio [...]”, “Bentinho, que tem nome ligeiramente lusitano, marcou três vezes [...]);

advérbio com carga semântica subjetiva (“Infelizmente não ficamos só na metáfora [...]”).

No que se refere ao segundo conjunto de traços, a prática histórica e a midiática acionam um conjunto de elementos enuncivos que provocam um efeito de distanciamento do autor em relação ao que enuncia, uma vez que ele passa a narrar os torneios e os confrontos ocorridos em Porto Seguro. O efeito dessas duas práticas na materialidade discursiva pode ser observado nas seguintes marcas textuais: a referência aos times de futebol (“O Guarani”, “a Portuguesa Santista”), aos jogadores (“Os bugres”, “os rubros-verdes”, “Índio, o do Corinthians”) aos confrontos e aos sujeitos neles envolvidos (“A guerra de verdade [...]”; “[...] índios, brancos e negros, enfim, o povo [...]”; “FHC leu um discurso hipócrita [...] Enquanto isso, sua polícia negava [...]”; “o presidente da Funai Carlos Marés”; “a imagem do índio Gildo Terena [...]”); os tempos verbais no pretérito perfeito e no imperfeito do indicativo, que criam uma relação de anterioridade em relação ao momento de referência presente do texto (“O Guarani venceu [...]”; “O jogo do Brinco de Ouro foi [...]”; “Estes, como os portugueses dos primeiros tempos, gostavam [...]”; “índio, o do Corinthians, fez um bonito gol”; “Aí, tanto na história como no jogo, o que se viu foi [...]”; “[...] infelizmente o fim-de-semana não ficou restrito [...]”; “A guerra de verdade aconteceu [...]”; “Essa foi a mais dura das derrotas”);

Entre adjetivações (“massacrante vitória”, “antiga matriz”), expressões definidas anafóricas (“Os bugres”, “aos rubro-verdes”, “os colonizadores”), comparações (“Estes, como os portugueses dos primeiros tempos [...]”) e analogia (“Já a partida entre a Portuguesa de Desportos e o Mogi Mirim refletiu bem o segundo tempo do século 16, quando [...]”) o sujeito midiático no exercício da função-autor vai moldando o objeto do seu discurso – os duelos luso-brasileiros do fim-de-semana. A realidade resulta da

operação que realiza para selecionar termos, fazer referências, estabelecer comparações previamente definidas pela prática discursiva exercida nesse texto. Essa prática fabrica o objeto, retirando do imenso arquivo armazenado sobre a nossa história somente alguns elementos, que são simplesmente reativados ou reconstruídos.

A identidade do autor constrói-se, portanto, no entrecruzamento dessas duas práticas discursivas, resultando dessa operação uma terceira posição de sujeito, que não é nem aquele que fala no texto do comentário esportivo nem aquele que, por ofício, fala no texto histórico.

### **Referências**

DE CERTEAU, M. *A escrita da história*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 1996.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Petrópolis: Vozes; Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 1972.

\_\_\_\_\_. Qu'est-ce qu'un auteur? *Littoral*, n. 9, Paris: Editions Eres, 1983.

\_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*. Trad. Adalberto de O. Souza. Série Apontamentos nº 29. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 1995.

LE GOFF, J. *História e memória*, 4. ed. Trad. Bernardo Leitão *et al.* Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

NORA, P. O retorno do fato. In: LE GOFF, J. e NORA, P. *História: novos problemas*. Trad. Theo Santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995, p.179-193.